ISSN: 2358-8829

# NAI MOVIMENTA: MEMÓRIAS ANCESTRAIS A PARTIR DOS SENTIDOS

Jocineia Pereira dos Santos [1]
Nilton Gonçalves Gamba Junior [2]

## INTRODUÇÃO

Este relato nasce do desejo profundo de compartilhar uma vivência potente, afetiva e transformadora — uma experiência que, mais do que um projeto acadêmico, se configurou como um encontro entre corpos, histórias e memórias. A atividade extensionista "NAI – Movimenta: Memórias Ancestrais a partir dos Sentidos" (Figura 1), realizada em parceria com o Núcleo de Acolhimento Institucional (NAI) da PUC-Rio, desdobra-se como parte da pesquisa de doutorado da autora e como trabalho final da disciplina DSG 5019 – Multissensorialidade, Experiência e Interatividade, ministrada pelas professoras Roberta Portas e Jackeline Farbiarz no Programa de Pós-Graduação em Design.

Esta ação integradora foi também um desdobramento simbólico e performativo do Cortejo "O Dia da Memória Ancestral: em Homenagem à Resistência e Legado da População Afrodiaspórica" (Figura 2) e abraça um percurso mais amplo de valorização da ancestralidade negra na universidade. Nesse processo, reconhecemos o corpo como lugar de expressão e escuta, como espaço de inscrição da memória, da cultura e da resistência — um corpo que dança, toca, silencia e sente como forma legítima de produzir conhecimento.

Inspiradas pelas ideias de Mikhail Bakhtin (2003), compreendemos a experiência como um evento estético e ético de encontro com o outro, em que o sentido se constrói no entre — na relação, na escuta, na alteridade. Ao nos abrirmos à palavra do outro, ao gesto do outro, ao silêncio do outro, permitimos que algo em nós também seja transformado. O evento vivido foi, nesse sentido, dialógico: um espaço de produção

[1] Doutoranda do Curso de Artes e Design da PUC-RIO - RJ, jomestrado21@gmail.com
[2] Professor orientador: Doutor, PUC-RIO - RJ, gambajunior@gmail.com

compartilhada de significados, em que cada presença afetou e foi afetada e em que o saber se constituiu não como algo pronto, mas como fluxo, tensão e movimento.

Figura 1 – Vivência NAI – Movimenta




Fonte: Autora (2025).

Figura 2 – Cortejo do Dia da Memória Ancestral



Fonte: Autora (2025).

Jorge Larrosa (2002, p. 21-24) nos ajuda a pensar que experiência é aquilo que nos atravessa, nos transforma e nos obriga a parar, a escutar, a sentir. Não se trata de algo que se acumula, mas de algo que nos convoca a viver com presença, com atenção e com cuidado. Foi justamente isso que buscamos com esta proposta: criar uma pausa sensível no tempo acadêmico, uma dobra no cotidiano universitário, em que os sentidos pudessem ser mobilizados como caminhos para acessar nossas histórias, nossos afetos e nossas ancestralidades.

Do ponto de vista conceitual, esta ação se ancora em categorias como corpo, cultura, identidades, memória e ancestralidade, em diálogo com perspectivas decoloniais e afrodiaspóricas. Seguindo os ensinamentos de Ailton Krenak (2019, p. 21-22), reconhecemos que não há separação entre corpo, território e espírito. Cada gesto que realizamos carrega uma história; cada toque é uma possibilidade de reconexão com aquilo que fomos ensinados a esquecer. Como afirma Krenak (2019, p. 14, 26-27), precisamos suspender a ideia de humanidade como medida de tudo e reaprender a sonhar com mundos em que a escuta e o pertencimento sejam práticas vivas e cotidianas.

A proposta insere-se nas ações afirmativas da universidade e ganha ainda mais potência com a oficialização do “Dia da Memória Ancestral”, instituído pela Resolução nº 05, de 26 de junho de 2025, a ser celebrado anualmente em 13 de maio, como forma de reconhecer e honrar a contribuição histórica, cultural e espiritual das populações negras e afrodiaspóricas no Brasil. Essa conquista simbólica articula-se com práticas

ISSN: 2358-8829

extensionistas como esta, que afirmam o compromisso da universidade com a escuta sensível, a justiça social e a diversidade epistemológica.

A perspectiva do design, aqui, é compreendida em sua dimensão expandida, como campo de práticas que ultrapassa o objeto e se abre à vida. Um design que escuta, que se afeta, que cria relações. Um design que opera pela presença, pela partilha e pela atenção aos vínculos — não para solucionar problemas, mas para criar espaços de cuidado e de reconexão com nossas histórias e saberes esquecidos ou silenciados.

Convido você, leitora ou leitor, a acompanhar esta narrativa com seus próprios sentidos despertos. Que este relato possa não apenas informar, mas também tocar, inspirar e mover. Que ele ressoe em você como um canto antigo, como uma memória que retorna, como um convite para caminharmos juntos, com mais escuta, mais silêncio e mais afeto.

## ABORDAGEM CONCEITUAL

A experiência vivida na atividade extensionista "NAI – Movimenta: Memórias Ancestrais a partir dos Sentidos" inscreve-se em um campo teórico que atravessa os domínios do corpo, da memória, da ancestralidade e da estética da experiência, articulando categorias fundamentais como multimodalidade, multissensorialidade, experiência, interação, polifonia e exotopia. Tais conceitos nos ajudam a compreender o alcance dessa prática como gesto político, ético e estético, que tensiona os limites convencionais do saber acadêmico e propõe novas formas de produção de sentido, fundamentadas na escuta, no afeto e na pluralidade de vozes e sentidos.

**Multimodalidade e multissensorialidade: saberes que atravessam o corpo.** A proposta "NAI – Movimenta" parte da premissa de que o conhecimento não se dá apenas de forma verbal ou racional, mas se manifesta de forma multimodal (Kress; Van Leeuwen, 2001) — por meio de imagens, sons, gestos, afetos, ritmos e silêncios. Ao mobilizar diversos canais sensoriais, a experiência cria um campo fértil para a ativação do sensível — aquilo que Rolnik (2006, p. 12) chama de corpo vibrátil, a capacidade de nos deixarmos afetar pelas forças do mundo —, despertando camadas de percepção muitas vezes inibidas na lógica discursiva tradicional da universidade. A multissensorialidade, nesse contexto, não é apenas recurso, mas método e linguagem que convoca o corpo inteiro como meio de expressão e escuta.

ISSN: 2358-8829

**Experiência e interação: um saber que nos transforma.** Jorge Larrosa (2002, p. 24-26) nos ensina que a experiência é aquilo que nos atravessa e nos transforma, aquilo que suspende o fluxo ordinário do tempo e nos convoca à atenção. Na atividade realizada, a interação entre participantes, mediadores e ambiente criou um campo de experiência compartilhada, favorecendo uma tessitura de vínculos entre corpos, memórias e sentidos. Essa interação, profundamente situada, potencializa a construção coletiva do saber, abrindo espaço para o que bell hooks (2013) chama de pedagogia engajada, na qual o aprender está inseparavelmente ligado ao sentir.

**Polifonia e exotopia: o saber em relação.** A atividade se constrói como uma prática polifônica, no sentido proposto por Mikhail Bakhtin (2003), ao reunir diferentes vozes, histórias e perspectivas em um mesmo espaço-tempo de produção de sentido. Trata-se de um saber que não se impõe, mas se constrói no entre, na escuta atenta da alteridade. Para Bakhtin, o sujeito não é uma entidade isolada, mas uma posição em diálogo constante com outras vozes. Nesse sentido, o relato de uma ação como essa não poderia ser homogêneo: ele se compõe de muitas camadas e ressonâncias.

É nesse campo que também se inscreve o conceito de exotopia, proposto por Bakhtin (2003, p. 21-23), que significa a possibilidade de ver o outro de fora, a partir de um ponto de vista deslocado. Ao propor uma experiência de reconexão com as memórias ancestrais, os sentidos e o corpo como território, o projeto convida os participantes a experimentarem deslocamentos de si e a olharem para suas próprias histórias e identidades a partir de novas perspectivas — uma prática com potência crítica, afetiva e decolonial.

**Ancestralidade, memória e estética da resistência.** Para Ailton Krenak (2019, p. 14), a ancestralidade não é um passado perdido, mas uma força viva que nos constitui. Retomar as memórias afrodiaspóricas a partir dos sentidos é um gesto de resistência contra a colonialidade do saber e a racionalidade hegemônica. Já Leda Maria Martins (2021, p. 21) nos lembra que a memória nas culturas negras é performática: transmite-se no corpo, na oralidade, no rito e no tempo espiralar — elementos plenamente ativados na atividade.

A estética, aqui, não é decorativa, mas relacional. Como apontam Gilles Lipovetsky e Jean Serroy (2015), vivemos em uma era em que a estética se tornou parte da vida cotidiana, mas frequentemente de forma superficial, guiada pela lógica do consumo e da leveza. A proposta desta experiência foi reverter essa lógica, propondo uma

estética da presença e do vínculo, um encanto sensível, que devolve densidade ao gesto e profundidade ao sentir.

Essa proposta se ancora na noção de um design expandido, que não se limita à forma ou à função, mas se orienta pela criação de experiências de sentido, pela ativação do sensível e do afetivo e pela construção de vínculos entre corpos, territórios e memórias. Trata-se de um design que escuta, se deixa afetar e interage com os contextos sociais e culturais, assumindo um compromisso ético com a justiça social, a diversidade e a reparação histórica.

Nesse sentido, essa abordagem nos remete às reflexões de Vilém Flusser, para quem o design é, antes de tudo, uma forma de linguagem, uma atividade criadora de significados e de mediações entre o ser humano e o mundo. Em *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação* (Flusser, 2007), o autor argumenta que o design atua como um campo de intermediação simbólica entre sujeitos, objetos e cultura, tornando-se um meio pelo qual as sociedades constroem e transmitem valores, identidades e visões de mundo. Ao considerar o design como produção de sentido e mediação cultural, Flusser oferece uma base filosófica que amplia sua compreensão para além de uma prática técnica, alinhando-se a perspectivas que concebem o design como prática pedagógica e cuidadosa, atenta às subjetividades e às potências de transformação.

## METODOLOGIA

A metodologia da vivência que orientou a ação “NAI – Movimenta: Memórias Ancestrais a partir dos Sentidos” foi tecida com fios de afeto, escuta e presença. Longe de seguir um modelo rígido e predefinido, ela se construiu como um caminho aberto, orgânico e relacional — em constante diálogo com o território, com os corpos presentes e com os sentidos ativados. Mais do que aplicar um método, tratava-se de viver uma experiência: uma experiência de criação coletiva que reconhece no corpo, na memória e na ancestralidade uma fonte legítima de saber.

Desde o início, sabíamos que não seria uma atividade tradicional: o que desejávamos era um tempo suspenso, um convite à desaceleração, ao silêncio, ao toque — àquilo que tantas vezes é abafado no cotidiano veloz da vida universitária.

Inspirada por perspectivas decoloniais, afrocentradas e feministas, a metodologia se enraíza em autores que pensam o conhecimento como experiência vivida. Jorge

Larrosa (2002, p. 21) nos lembra que experiência não é o que acontece, mas aquilo que nos transforma; Suely Rolnik (2006, p. 12) nos fala de um corpo que sente e se afeta como forma de pensar; e Ailton Krenak (2019, p. 66-67) nos ensina que só é possível existir plenamente se formos capazes de escutar os sonhos, os cantos, os ancestrais. Nossa prática também ecoa bell hooks (2013), ao afirmar que a educação pode ser lugar de cura, de cuidado e de reencantamento.

**Escutar antes de agir.** Antes de propor qualquer gesto, colocamo-nos em posição de escuta: escuta do contexto, dos desejos do NAI, da vibração do espaço, das marcas deixadas pelo Cortejo que antecedeu a ação. Essa escuta foi parte da metodologia: perceber os vazios, os silêncios, os anseios — e, a partir deles, propor uma atividade que acolhesse.

**Tecer com os sentidos.** A experiência foi desenhada para ser multissensorial e multimodal, isto é, para que diferentes formas de expressão e percepção pudessem emergir. Tecidos, sons, movimentos, palavras, silêncios — cada elemento era parte de uma costura cuidadosa, pensada para ativar memórias afetivas, evocar ancestralidades e convidar os participantes a estarem presentes com o corpo inteiro.

Não se tratava de aplicar uma técnica, mas de despertar o sensível. A metodologia era o próprio gesto de criar o ambiente, de preparar a atmosfera, de acolher cada pessoa com cuidado e atenção. O design, aqui, é expandido: não desenha objetos, mas desenha vivências que tocam e transformam.

**Corpo como linguagem.** O corpo não foi tratado como suporte ou ferramenta, mas como lugar de enunciação. A vivência integrou práticas corporais como a caminhada sensível, a respiração consciente, o toque no outro, o gesto espontâneo e a dança em diferentes ritmos. Cada movimento era convite à presença; cada pausa, uma forma de escuta.

Inspiradas na noção de performance-memória de Leda Maria Martins (2021), entendemos que o corpo guarda histórias e que dançar, tocar e silenciar também são formas de contar e partilhar saberes. A metodologia, portanto, foi encarnada: desenhada com o corpo e no corpo — um corpo que fala mesmo quando silencia.

**Registro afetivo e troca de olhares.** Durante a ação, os registros surgiram de forma orgânica, respeitosa e afetiva.

A metodologia da vivência não se encaixa nos moldes tradicionais de pesquisa, mas se desenha como um caminho vivido, que se constrói no entrelaçar de vozes, corpos

e histórias. É uma metodologia do encontro, da escuta e da presença — comprometida com uma ética da sensibilidade e com uma estética do cuidado.

Ela se ancora em uma compreensão expandida de design, que extrapola o objeto e adentra o campo das experiências compartilhadas, dos afetos e das relações. Trata-se de um design relacional, em diálogo com a noção de design ontológico proposta por Anne-Marie Willis (2006), que reconhece a potência dos saberes corporais, da ancestralidade e da memória como campos de produção epistemológica.

Desde o início, sabíamos que a ação não poderia ser apenas planejada — ela teria de ser sentida, vivida e improvisada em diálogo com o espaço e com quem ali estivesse. A metodologia foi, assim, performativa, fluida e multimodal, integrando o gesto, o silêncio, a palavra, o som e o toque como linguagens legítimas de expressão. A escuta tornou-se o primeiro gesto metodológico.

**A escuta como método: o tempo e os afetos.** Inspiradas na pedagogia da escuta proposta por autoras como Carla Rinaldi (2012, p. 124) e bell hooks (2013), compreendemos que escutar não é apenas ouvir com os ouvidos, mas abrir-se ao outro com o corpo inteiro. Escutar é estar disponível à alteridade, é criar espaços de hospitalidade. A escuta, aqui, faz-se política e poética. Ela também se faz exotópica, no sentido de Bakhtin (2003, p. 21-23): um deslocamento que permite ver e ser visto de fora, no reconhecimento da incompletude e da multiplicidade de vozes.

Por isso, construímos a ação como uma partitura aberta, que pudesse ser afetada pelo que surgisse ali. O tecido das vendas e bandanas, os sons e os objetos sensoriais compuseram um ambiente multissensorial, no qual os sentidos não estavam apenas "presentes", mas convocados a criar narrativas e a evocar lembranças. A experiência tornou-se, nesse sentido, um campo polifônico, em que diferentes linguagens e saberes puderam coexistir.

**O corpo como arquivo de memórias.** A metodologia compreendeu o corpo como arquivo vivo, portador de memórias, marcas e ancestralidades. Inspiramo-nos em Leda Maria Martins (2021) ao entender o corpo como performance de memória, como lugar de inscrição e transmissão de saberes. Em vez de ensinar algo aos participantes, a proposta foi despertar o que já habitava neles — suas memórias de infância, suas referências afetivas, seus silêncios herdados.

A vivência foi organizada em momentos de sensibilização sensorial, momentos de partilha, danças livres com ritmos diferentes e pausas meditativas, permitindo que os

ISSN: 2358-8829

corpos experimentassem outras temporalidades e diferentes níveis na execução dos movimentos: baixo, com o corpo próximo ao chão, no tapete; médio, com apoio dos joelhos no chão; e alto, de pé, com o corpo mais estendido. Como lembra Larrosa (2002, p. 21), a experiência só acontece quando somos atravessados por algo — e é esse atravessamento que permite o conhecimento sensível, aquele que transforma.

**A multimodalidade como gesto de inclusão.** A ação integradora foi pensada para ser multimodal e multissensorial, apostando na potência de experiências que rompem com o domínio exclusivo da linguagem verbal. Ao integrar toque, gesto, movimento e sons, a vivência ofereceu múltiplas portas de entrada à participação. Essa escolha também dialoga com a proposta de um design mais inclusivo, no qual diferentes modos de expressão são valorizados.

A ideia de multimodalidade também se conecta à noção de experiência estética expandida, como colocam Lipovetsky e Serroy (2015) ao apontar que vivemos em uma sociedade na qual o sensível se torna elemento central da cultura. No entanto, nossa proposta não se prende ao estético como espetáculo, mas ao estético como aquilo que nos afeta — que nos convida a sentir e a refletir com profundidade.

**Polifonia e ancestralidade.** Seguindo Bakhtin (2003), compreendemos que toda experiência é constituída por uma multiplicidade de vozes — algumas audíveis, outras silenciadas ao longo da história. A ação buscou, portanto, reconhecer e reativar vozes ancestralmente apagadas, convidando os participantes a escutarem seus próprios ecos e a se reconectarem com narrativas que muitas vezes lhes foram negadas. Como nos lembra Ailton Krenak (2019, p. 14), sem vínculos profundos com a memória ancestral perdemos as referências que sustentam quem somos — e cultivar essa relação é parte de um gesto ético e existencial.

A ancestralidade, nessa metodologia, é entendida como presença viva, não como algo preso ao passado. Ela se manifesta no modo como dançamos, no cheiro que desperta lembranças, no modo como tocamos um tecido ou escutamos uma canção. É por isso que a vivência foi pensada para permitir o surgimento dessas memórias do corpo, dessas presenças invisíveis que nos habitam e nos constituem.

**O registro afetivo e o deslocamento de olhares.** Durante a ação, os registros não foram conduzidos como mera documentação: mais do que reter uma imagem, expressaram uma transformação — as imagens como partilha, como modo de ver com o

ISSN: 2358-8829

coração, como memória afetiva. É nesse ponto que a metodologia se afirma como gesto ético, pois nos chama a repensar a forma como vemos e nos deixamos ver.

O presente relato tem como objetivo descrever a experiência do evento, destacando os processos vivenciados, os afetos mobilizados, as narrativas corporais desenvolvidas e as reflexões suscitadas a partir das práticas realizadas. A proposta foi proporcionar uma vivência sensorial que unisse corpo e mente, convidando os participantes a mergulhar em suas próprias histórias, a partir da escuta do corpo e das memórias ancestrais.

Mais do que relatar uma atividade pontual, este texto busca evidenciar os desdobramentos pedagógicos, metodológicos e epistemológicos que emergem quando o corpo e a ancestralidade são colocados no centro das práticas de ensino e aprendizagem.

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A ação integradora de proposta extensionista "NAI – Movimenta: Memórias Ancestrais a partir dos Sentidos" foi realizada em 18 de junho de 2025, das 11h às 13h, no próprio Núcleo de Acolhimento Institucional (NAI), localizado no térreo do Edifício Leme, no campus da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na Gávea. Participaram da vivência membros da comunidade universitária da PUC-Rio, incluindo funcionários, estudantes de graduação e pós-graduação, visitantes e integrantes do próprio NAI. A diversidade do público foi um dos elementos mais potentes da atividade, pois possibilitou o cruzamento de experiências, idades, histórias e sensibilidades distintas.

A proposta estruturou-se como uma vivência sensível, performática e multissensorial, com o intuito de evocar memórias ancestrais por meio da ativação dos sentidos, mobilizando os corpos em suas dimensões subjetiva, afetiva e histórica. Inspirada por práticas decoloniais e por uma pedagogia sensível, a experiência foi concebida como um espaço de escuta e presença, em que vozes, gestos e afetos pudessem se expressar em sua singularidade.

No início, os participantes foram recebidos em uma ambiência estética cuidadosamente preparada: pufes coloridos e aconchegantes, um grande tapete de grama artificial delimitando o espaço, sons suaves que criavam uma atmosfera de acolhimento e objetos dispostos de modo a sugerir percursos poéticos e não lineares.

ISSN: 2358-8829

**Momentos sensoriais: o corpo como caminho da memória.** As estações não obedeciam a uma sequência obrigatória. Cada pessoa escolhia como e quando transitar por elas, valorizando a escuta do próprio corpo e o tempo subjetivo de cada um. Havia, por exemplo, o momento do toque, em que os participantes faziam massagem uns nos outros, evocando memórias táteis e corporais; o momento da dança, primeiro no lugar e depois em deslocamento, ao som de berimbaus, cantos e vozes que emergiam e reverberavam no peito; e o momento do silêncio, com música mais relaxante, em um pequeno espaço delimitado para a interiorização, com almofadas no chão, para que os participantes pudessem pausar, fechar os olhos e simplesmente sentir.

Em cada uma dessas experiências, o corpo era chamado a lembrar o que a mente havia esquecido. Como nos lembra Suely Rolnik (2006), o corpo é o lugar onde a memória pulsa, não como arquivo fixo, mas como potência de reinvenção da vida. Ao ativarmos os sentidos, despertam-se os afetos, sonhos, dores e encantamentos inscritos em nossa carne e em nossa história.

**Dança, voz e improviso: uma performance da presença.** Ao longo da vivência, o corpo se tornou linguagem. Pequenos gestos se tornaram dança, risos se tornaram canto, toques e esbarros se tornaram afetos. Em dado momento, músicas de matriz afro-brasileira — ritmos de instrumentos de percussão e cantigas — ecoaram pelo espaço, e as pessoas começaram a dançar espontaneamente, deixando-se guiar pelo ritmo interno de seus corpos e pelas vibrações ao redor.

Essa movimentação foi sendo conduzida com delicadeza, permitindo que a dança emergisse não como forma coreografada, mas como expressão do que cada um trazia consigo — dança como forma de existir no tempo presente. As batidas do tambor e o som do atabaque criaram um campo de energia coletiva, em que cada corpo, ao se mover, ecoava o de outros que vieram antes.

Como lembra Ailton Krenak (2019, p. 26-27), há pequenas constelações de gente espalhadas pelo mundo que dançam, cantam e fazem chover, recusando-se a desistir dos próprios sonhos. A performance, nesse sentido, foi mais do que estética: foi ato político de reconexão ancestral.

**A escuta e a partilha no tempo do sensível.** Ao final, reunimo-nos em uma roda de conversa (Figura 3). Cada pessoa foi convidada a dizer — se quisesse — o que sentiu, o que percebeu, o que foi tocado em si. Os relatos foram comoventes. Muitos trouxeram à tona lembranças para além do momento intrauterino. Outras pessoas revelaram que,

pela primeira vez, se sentiram “autorizadas a sentir”, “a parar”, “a habitar o próprio corpo sem medo”. Uma participante relatou:

> Eu acho que isso é bem complicado, né? Porque você se entrega, né? Você tem que confiar. E aí é uma palavra forte, né? Confiança em um momento muito curto. Se joga, né? Ou você é travado. E eu sempre me jogo. E aí eu acho que é isso. É quando você começa a relaxar, aí você vai encontrando o outro. E essa coisa do cuidado, né? Que você falou. E é isso, né? Você, poxa, que cuidado, né? Que você tem de você manusear o outro, de você sentir a energia do outro.

Outra pessoa disse:

> Assim, no início eu não, porque, com a minha formação muito racionalista, assim que você falou “olha, pessoal, botem as vendas e caminhem”, gente, esse exercício não vai dar certo, está fadado ao insucesso! E isso é muito interessante: a gente começa muito tímido, muito, muito, e você não consegue ver, vai bater, mas depois vai relaxando.

Na sequência, surgiram outras falas: “[...] todos nós precisamos. Seja lá qual for a fase, que é saúde, financeiro, amoroso. Então, quer que a gente se apoie mais. É também como isso, né? Você conseguir tomar essa fase, né?”; “É o começo também, né? Segurança, atendimento. Essa mesma parada do fracasso. Então, tem que ter coragem, tem que arriscar.” E ainda:

> [...] sem nem saber quem estava me dando cuidado e carinho. Às vezes que a gente se esbarrava, ou era de uma maneira carinhosa, ela nos dava um cuidado. E aí surgia um som, se parecia mesmo com o que a gente fez aqui com a floresta, com os humanos. Era um ecossistema mesmo, ensinando a gente que é possível a gente se tratar com respeito, a gente se tratar com cuidado. Foi tão contínuo o trabalho hoje, foi tão fácil.

ISSN: 2358-8829

Figura 3 – Roda de partilha e conversa



Fonte: Autora (2025).

Essas falas confirmam o que aponta Jorge Larrosa (2002, p. 21): a experiência não é aquilo que acontece, mas aquilo que nos acontece. Quando deixamos que algo nos atravesse, nos transformamos, e é essa transformação que torna o viver também um saber.

A atividade foi registrada em fotos e vídeos, com consentimento prévio dos participantes por meio de termo de autorização de uso de imagem e som. Também foram coletados relatos espontâneos e respostas a formulário on-line enviado posteriormente, para sistematização da experiência.

Os registros, singelos e potentes, revelam uma mudança de olhar. Filmar e fotografar os corpos durante a atividade, com delicadeza e atenção, foi um ato de escuta e deslocamento — uma exotopia visual, no sentido de Bakhtin (2003, p. 21-23), em que o olhar se desloca e se recria. As imagens, mais do que registrar, materializaram afetos, tornando-se também parte da vivência.

Após a ambientação inicial e as interações sensoriais, o grupo foi convidado para uma atividade de movimentação corporal em que os sentidos foram gradualmente deslocados da visão para o tato, a escuta e a presença plena. A proposta era que, ao se privarem da visão com o uso de vendas ou bandanas, os participantes pudessem se abrir a outras formas de percepção do mundo e de si.

ISSN: 2358-8829

Reunimo-nos em roda. Os corpos se espalharam pelo tapete e pelos pufes coloridos (alguns deles acolchoados, feitos de madeira e isopor reciclado), criando uma atmosfera acolhedora e circular, em que não havia hierarquia de saberes nem lugares privilegiados. O círculo, símbolo ancestral de igualdade e comunhão, era também um espaço de escuta atenta, como propõe bell hooks (2013) ao valorizar os saberes encarnados e afetivos nos processos educativos.

Iniciamos com um relaxamento conduzido ao som de uma música instrumental suave, sugerindo aos presentes que respirassem profundamente, com atenção à respiração nasal, ao ritmo do coração, à temperatura da pele, ao peso do corpo. Essa pausa foi um gesto ético de cuidado: um convite para que cada pessoa se sentisse presente em si, no agora, no seu corpo e na sua história.

Na sequência, entregamos a cada participante um pequeno pedaço de argila crua (Figura 4). De olhos abertos e em silêncio, os participantes foram orientados a modelar livremente uma forma que representasse um sentimento ou um estado interior naquele momento. O gesto de modelar não visava à representação estética, mas à escuta da matéria pelas mãos — um diálogo entre corpo e barro. A argila, ancestral e terrena, conectava cada pessoa à terra, à origem, à memória materializada dos corpos ancestrais.

Figura 4 – Modelagem com argila



Fonte: Autora (2025).

Ao final da modelagem, cada escultura foi colocada em um grande jarro de planta, símbolo do crescimento coletivo e da fertilidade da experiência. Esse gesto ritualizou o que estava sendo construído ali: um saber feito de afetos, matéria e presença.

**A movimentação de olhos vendados: a polifonia dos sentidos.** Em seguida, convidamos aqueles que se sentissem confortáveis a cobrir os olhos com vendas ou tapa-olhos, entrando em um estado de suspensão visual que abria espaço para outras formas de perceber. Com os olhos vendados, o corpo se vê forçado a sentir com mais escuta, com mais pele, com mais presença. Como lembram Lipovetsky e Serroy (2015), em uma sociedade marcada pela aceleração e pelo espetáculo visual, suspender o olhar pode ser um gesto de resistência sensível.

No silêncio que se seguiu, iniciamos uma caminhada lenta pelo espaço, guiada pelo som. Os passos eram hesitantes no início, mas logo o espaço se encheu de movimentos orgânicos e de deslocamentos cuidadosos. Cuidamos de garantir segurança e liberdade, atentos às necessidades de cada corpo, permitindo que a confiança fosse se instaurando aos poucos, como uma dança do desconhecido.

Ao som da voz, pedimos que cada pessoa parasse onde estivesse e se direcionasse para a esquerda até encontrar outro corpo. Pelo tato, os participantes foram orientados a tocar com delicadeza a cabeça da pessoa à sua frente, iniciando um gesto de cuidado —

uma pequena massagem (Figura 5). A partir daí, em duplas e trios, começaram a caminhar juntos, criando uma dança coletiva. A música foi ganhando ritmo, e os corpos responderam a essa pulsação em movimento.

Exploramos os níveis do corpo no espaço — alto, médio e baixo (Figura 6) —, como em uma dança-instalação em que o espaço era também matéria coreográfica. Os corpos, vendados, desenhavam no ar suas narrativas internas, expressando-se sem a mediação do olhar externo, como propõe Leda Maria Martins (2021, p. 81) ao pensar a performance como escritura do corpo.

Figura 5 – Massagem




Fonte: Autora (2025).

Figura 6 – Alongamento




Fonte: Autora (2025).

A dança se expandiu até que todos se encontrassem no centro, em um momento de celebração conjunta, como se os corpos finalmente tivessem se reencontrado consigo e com os outros. Era uma cena de rara beleza: um balé cego e sensível, em que ninguém via, mas todos se viam — por dentro.

**Corpo-escultura: o retorno à argila e a partilha.** Após a dança, conduzimos um relaxamento final. Uns sentados, outros deitados, cada um foi chamado a habitar novamente o silêncio interior. Então, antes de retirarem as vendas, perguntamos se gostariam de modificar a escultura de argila criada no início. Alguns desejaram, e esse gesto foi profundamente simbólico: o corpo vivido durante a ação havia transformado o corpo esculpido. A forma também se moveu.

Por fim, reunimo-nos em roda para uma partilha verbal e afetiva. Convidamos cada pessoa a trazer uma palavra que sintetizasse sua experiência: “reencontro”, “entrega”, “encontro”, “libertador”, “eu quero mais”, “curiosidade”, “afago”, “cura”,

“ancestralidade”, “acolhimento”, “leveza”. Essas palavras não eram apenas respostas: eram testemunhos do que o corpo havia vivido.

Como ensina Bakhtin (2003), cada palavra traz em si o eco de outras vozes, outros tempos, outras subjetividades. A polifonia da roda era também a polifonia da vida. Os corpos, agora mais despertos e encantados, saíam da experiência como quem retorna de uma travessia: não ilesos, mas inteiros. Cada um pegou sua escultura, agora transformada, e levamos dali não apenas um objeto, mas um fragmento do vivido — uma lembrança feita de terra, corpo e cuidado.

## AVALIAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Do ponto de vista do público, “NAI – Movimenta: Memórias Ancestrais a partir dos Sentidos” provocou uma série de reações espontâneas entre os participantes, muitas das quais foram expressas por meio de palavras, gestos e silêncios carregados de sentido. A escuta sensível e a observação atenta durante e após a atividade revelaram o impacto profundo do encontro, especialmente em seu caráter multissensorial e ancestral.

Percepções expressas verbalmente incluíram frases como:

- “Nunca parei para pensar que meu corpo também guarda memórias dos meus muito antes do ventre materno.”
- “Essa vivência me reconectou com algo que não sei nomear, mas senti que veio de longe, de dentro.”
- “Foi como visitar uma parte de mim que estava escondida. ”

Alguns participantes relataram, inclusive, que o cheiro dos elementos utilizados (como ervas, óleos e tecidos) ativou lembranças da infância e de relações familiares marcadas pela oralidade, pela comida feita à mão e pelo cuidado com o corpo e com os outros.

As emoções observadas variaram entre comoção, encantamento e introspecção. Olhos marejados, abraços silenciosos ao final da experiência e expressões de surpresa diante das sensações evocadas mostraram o quanto a proposta ativou camadas de memória afetiva e coletiva. A performance dos sentidos, em vez de isolar os participantes em suas individualidades, gerou pertencimento e coletividade.

Algumas frases emblemáticas, anotadas durante os momentos de escuta ou colhidas dos relatos espontâneos, reafirmaram a potência do encontro:

- “Essa experiência me curou de algo que nem sabia que doía.”
- “Descobri que a ancestralidade não está no passado, está no agora.”
- “Eu nunca tinha falado da minha negritude com tanta leveza.”

Do ponto de vista da pesquisadora, para além das respostas do público, a atividade produziu também deslocamentos internos significativos em mim, como facilitadora e pesquisadora. Estar diante do outro com escuta ativa, convocar os sentidos e abrir espaço para o não saber foi, sem dúvida, uma prática de desaprendizagem e afeto.

O processo me atravessou de modo intenso. Durante a condução, experimentei uma escuta de corpo inteiro: percebia vibrações, silêncios, hesitações e entusiasmos que me exigiam presença plena. Nesse lugar de mediação, precisei abandonar o controle e permitir que a ancestralidade se manifestasse como acontecimento — muitas vezes imprevisível, mas sempre potente.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

As reflexões sobre os desafios e as aberturas da escuta sensível dizem respeito à necessidade de desacelerar. Escutar, aqui, não é apenas ouvir: é permitir-se afetar, criar ressonância e reconhecer que o outro também traz saberes encarnados, experiências ancestrais e modos de existência que interpelam a pesquisa e a prática pedagógica. O maior desafio foi abrir espaço para a vulnerabilidade — tanto a minha quanto a dos participantes — e sustentá-la como parte do processo criativo e formativo.

O que se revelou transformador foi perceber que o design, quando articulado à ancestralidade, pode se tornar um campo de reconexão. Não se trata apenas de projetar experiências, mas de criar espaços de escuta, cura e reconstrução simbólica da memória. Essa vivência reavivou minha convicção sobre o papel do corpo como território político, pedagógico e afetivo e reafirmou a importância de práticas que descentralizam o saber acadêmico eurocentrado e valorizam as epistemologias afro-brasileiras.

Autores como Jorge Larrosa (2002, p. 21) afirmam que experiência é aquilo que nos toca, que nos atravessa e nos modifica. Essa perspectiva dialoga com o vivido no NAI – Movimenta, em que o corpo foi agente e testemunha da própria história. A proposta de interação sensível aproxima-se do conceito de exotopia de Bakhtin (2003, p. 21-23), quando o eu se reconhece no outro e o outro, em mim.

Para Pier Paolo Pasolini (1972), o corpo é linguagem. Nesta vivência, a linguagem corporal foi a via de expressão de emoções, histórias e afetos. Já Krenak (2019, p. 26-27) nos lembra que resistir é não permitir que nossos sonhos sejam capturados. Assim, a experiência reafirmou a importância de sonhar junto, de caminhar em roda, de criar espaços de escuta e cura.

## CONCLUSÃO

Quanto às dificuldades, houve um problema técnico com o aparelho de som, contornado com o uso de outro dispositivo e de músicas alternativas. Apesar disso, a fluidez da condução permitiu que o grupo se mantivesse conectado. Outra dificuldade foi a ausência de retorno dos questionários enviados após a atividade.

As potencialidades foram muitas. A experiência articulou-se a desdobramentos institucionais importantes: a proposta de institucionalização do "Dia da Memória Ancestral", apresentada ao Magnífico Reitor em 10 de junho de 2025, foi acolhida pela Universidade e oficializada por meio da Resolução nº 05, de 26 de junho de 2025. A partir de então, a data de 13 de maio passou a integrar o calendário oficial da PUC-Rio, reforçando o compromisso da instituição com a valorização da memória e da resistência da população afrodiaspórica. Somam-se a isso a construção coletiva do espaço, a entrega dos participantes, a ativação dos sentidos e, sobretudo, a constatação de que o corpo é um território de memória e resistência. Essa experiência reforça o compromisso da pesquisa com práticas transformadoras que atravessam as fronteiras entre o saber acadêmico e os saberes da vida e da coletividade. É nesse lugar de confluência — entre corpo, memória, design e ancestralidade — que se inscreve o caminho que continua sendo tecido, escutado e vivido.

Outro aprendizado fundamental foi compreender a potência da ancestralidade como eixo transversal no campo do design e da educação. Ao tratar a memória não como passado morto, mas como presença viva que se manifesta nas práticas cotidianas, criamos possibilidades para uma pedagogia decolonial.

Conclui-se que a experiência "NAI – Movimenta: Memórias Ancestrais a partir dos Sentidos" representou não apenas um exercício de extensão universitária, mas um gesto epistemológico e afetivo de reconexão com saberes ancestrais, por meio do corpo e dos sentidos. Ela se insere, de modo profundo, nas abordagens desenvolvidas ao longo da

disciplina, na medida em que propôs uma vivência que ultrapassa os modelos cognitivos tradicionais e ativa modos sensíveis de produção de conhecimento.

## REFERÊNCIAS


BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Organização de Rafael Cardoso. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. **Multimodal discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Arnold, 2001.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbedu/a/q3MyL5wSkHpdcrb76WywYwh/?lang=pt. Acesso em: 18 jul. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PASOLINI, Pier Paolo. **Empirismo eretico**. Milano: Garzanti, 1972.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006.

WILLIS, Anne-Marie. Ontological designing. **Design Philosophy Papers**, [*S. l.*], v. 4, n. 2, p. 69-92, 2006.

ISSN: 2358-8829

## APÊNDICE – REGISTROS DA AÇÃO

Pasta com os registros da ação NAI – Movimenta (fotografias e vídeos). Disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1eUdbXw2rcG1yAdvoSOSbMA5MkjQsnDr6?usp=drive_link.

Vídeo da ação NAI – Movimenta. Instagram. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DLX7ibXyQiZ/?igsh=MTlrd3RiZ2dqenN6cA==.